

Prevenções

Tentar fazer um romance é um desejo inocente. Baptizá-lo com um título pomposo é um pretexto ridículo. Apanhar uma nomenclatura, estafada e velha, insculpi-la no frontispício de um livro e ficar orgulhoso de ter um padrinho original, isso, meus caros leitores, é uma patranha de que eu não sou capaz.

Este romance não é meu filho, nem meu afilhado.

Se eu me visse assaltado pela tentação de escrever a vida oculta de Lisboa, não era capaz de alinhavar dois capítulos com jeito. O que eu conheço de Lisboa são os relevos, que se destacam nos quadros de todas as populações, com foro de cidades e de vilas. Isso não vale a honra do romance. Recursos de imaginação, se os eu tivera, não viria consumi-los aqui numa tarefa inglória. E, sem esses recursos, pareceu-me sempre impossível escrever os mistérios de uma terra que não tem nenhuns, e, inventados, ninguém os crê.

Enganei-me. É que eu não conhecia Lisboa, ou não era capaz de calcular a potência da imaginação de um homem. Cuidei que os horizontes do mundo fantástico se fechavam nos Pirenéus, e que não podia ser-se peninsular e romancista, que não podia ser-se romancista sem ter nascido Cooper ou Sue. Nunca me contristei desta persuasão. Antes eu gostava muito de ter nascido na terra dos homens verdadeiros, porque, peço que me acreditem, os romances são uma enfiada de mentiras, desde a famosa *Astreia* de Urfé, até ao choramingas *Jocelyn* de Lamartine.

Por consequência, diz o circunspecto leitor, vou-me preparando para andar à roda num sarilho de mentiras.

Não, senhor. Este romance não é um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado.

Peço-lhe que leia a seguinte carta, que recebi em 24 de Agosto de 1852:

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1852

Amigo

Ficas naturalmente espantado quando vires entre mãos um maço de papéis tão volumoso! Espero, porém, que esse espanto se converta em interesse, quando souberes que tesouro possuis.

Sem prelúdios:

Haverá um ano que aqui desembarcou um homem que não pôde passar des- percebido diante de mim. Tu sabes que eu sempre fui um grande idealista. Ainda hoje não posso renegar este divino atributo, e bem vês quanto deve ser-me penoso conciliar as funções de um guarda-livros com as vaporosas intuições de um poeta! Mas, graças à violência que me imponho, sinto glória em dizer-te que terei muitos versos errados na minha coleção, mas vivo na feliz certeza de que não tenho um erro no livro do «deve e há-de haver». O que se segue é que sou um mau poeta, mas um honrado caixeiro.

Vamos ao interessante. Como sabes que sou idealista, não terás dúvidas em acreditar que olhei para aquele homem pelo prisma da minha imaginação. Tive razões para isso, e quero que tu as saibas.

Era uma figura singular entre todos os figurões que a nossa terra atira para aqui. Não era alto, nem baixo. Também não era bonito, como um galã de novela: tinha rosto magro, não só magro, escaveirado e ossudo. Os olhos fuzilavam lume, deste lume que revela maldade, umas vezes, e, outras vezes, paixões candentes e extremas. Negrejava-lhe sobre o bronze da cútis um bigode negro e arrepiado. Vestia de escuro, e nem o branco da camisa se lhe via. O pé e a mão eram extremamente pequenos, e a magreza, ou melindre das formas, estava em justa proporção com o descarnado das feições.

Saltando em terra, este homem subiu os primeiros degraus do cais, parou, cruzou os braços e fitou os olhos na amplidão do mar.

Nesta postura, arrebatou-me! As almas de lama hão-de perguntar-me porquê. Responde-lhes tu, que tens horas de espiritualista na tua longa vida de matéria.

Ao vê-lo assim absorto naquela meditação profunda, julguei que podia avizinhar-me dele e contemplá-lo de perto.

Pude: nem ao menos deu fé de mim. Um preto, carregado de fardos, roçou-se por ele, deslocou-o alguns passos para o lado, mas não lhe desprendeu os olhos do horizonte. Olhei também para lá, e nada vi. Fiquei entendendo que as visões daquele homem estavam dentro na alma, e os olhos da face, naquele momento, viam tanto como os meus.

Não sabes como este homem me tinha fascinado! Eu era capaz de estar ali suspenso naquele silêncio, naquele mistério, longas horas, sem recordar-me que era caixeiro! Passou-me, então, na memória o rápido panorama de um mundo em que vivi antes de ser um forçado guarda-livros. Lembraram-me certas mulheres, que se perderam espontaneamente fascinadas pelo simples olhar de certos homens. Perdoei-lhes no tribunal da minha consciência, porque eu, se fosse mulher, na presença daquele homem, adorava-o, perdia-me sem ouvir-lhe uma palavra que me lisonjeasse.

Parece-te isto um disparate? O que tu quiseres; mas a verdade é esta.

Esta situação durou muitos minutos. O sonâmbulo acordou; mas, acordado, parecia ainda adormecido. Virou as costas ao mar, e foi subindo vagarosamente o cais, com os olhos no chão.

E eu seguia-o.

Depois, parou como suspenso por uma ideia imprevista. Tornou atrás. Chamou um marujo da galera em que viera, e pediu-lhe a sua bagagem. O marujo indicou-lhe os malsins da alfândega, que deviam revistar-lha. O passageiro dirigiu-se urbanamente a um desses homens; abriu os cadeados de uma mala de couro; tomou ao alto entre ambas as mãos um pouco de fato, e retirou-se, depois de mostrar um passaporte.

E eu segui-o, como se fosses tu, como se fosse um meu irmão, que eu quisesse hospedar.

Deu um cento de passos, e voltou-se para o lado, como quem procurava alguém. Devia necessariamente encontrar-se com os meus olhos.

Cortejou-me primeiro, e depois perguntou-me:

— Tem a bondade de dizer-me onde encontrarei uma hospedaria afastada da cidade?

— É difícil encontrá-la — respondi eu. — As hospedarias aqui, como em toda a parte, são frequentadas por pessoas que têm negócios, e preferem as mais próximas ao centro do comércio.

Não me respondeu com a presteza que eu queria, porque mal sabes o desejo que eu tinha de não largar aquele homem! Forte encanto!

— Então — tornou ele — tem a paciência de indicar-me a primeira hospedaria?

— A primeira é esta — disse eu, apontando-lhe a minha casa.

E o meu hóspede, nessa inteligência, cortejou-me, agradecendo-me, e oferecendo-me o seu quarto para descansar.

Subimos; e não foi sem me sorrir que o via a ele bater numa das portas, com todo o desembaraço. O meu criado parecia esperar as minhas ordens; mas o meu hóspede adiantou-se a pedir um quarto, depressa.

Entrámos numa sala, e aceitei uma cadeira que o meu hóspede me oferecia: apontei-lhe o sofá para que ele se sentasse. Primeiro sentou-se; pouco depois, reclinou-se, e por fim deitou-se com toda a galhardia de um oriental.

— Fuma? — disse ele abrindo uma charuteira.

— Fumo — e preparava-me para pedir luz ao criado, quando o meu desconhecido acendeu um pavio de cera e tornou à sua posição legitimamente turca.

— As hospedarias aqui — disse ele — respiram uma elegância que não se parece nada com a farrapagem dos hotéis portugueses. Eis aqui uma sala que parece o boudoir de uma viscondessa burguesa.

Este dito engraçado, que qualquer de nós acompanharia de um sorriso vaidoso, disse-o ele com o charuto ao canto da boca, sem o mais leve sinal de congratular-se do seu espírito.

Eu por mim sorri-me, e não achei de pronto uma resposta que lhe desse de mim a alta ideia que ele de si me tinha dado.

— *É a primeira vez que vem ao Brasil? — perguntei eu.*

— *A primeira.*

— *Vem como viajante?*

— *Não, senhor. Acho-me aqui.*

Estas palavras pareceram-me um belo final de um acto dos dramas de Victor Hugo. Achei muita filosofia, desta íntima filosofia da desgraça, naquelas quatro palavras. Lembrou-me o Chatterton respondendo a quem lhe perguntava a razão por que escrevia, se os seus escritos lhe não davam pão, nem consolações. Lembra-te? Penso que era isto: «Escrevo, porque é preciso.»

— *Tenciono demorar-se? — perguntei eu,*

— *Sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.*

Esta resposta fez-me corar. Olhei a fisionomia dele: era sempre a mesma fisionomia: severa e fria, triste e um não-sei-quê de desprezadora. E continuei a sentir-me cativo daquele homem, cada vez mais misterioso.

Levantei-me. Abri uma porta de um quarto, mais próximo, e indicando-lho, disse com certo acanhamento:

— *Pouco ou muito que seja o tempo que V. S.^a se demore, aqui tem uma sala, aqui tem um quarto, neste imediato uma livraria, e em toda esta casa uma residência que espero considere sua, como se fosse de um seu irmão.*

O cavalheiro apertou-me a mão, e disse com estranha frieza:

— *Espero me conceda não aceitar o seu favor. Eu sou um hóspede incómodo. Não converso, não entretenho, e sou importuno como um velho, Retiro-me penhorado das suas atenções...*

E preparava-se para sair. Fez um ligeiro esforço, e quase o obriguei a sentar-se.

— *Antes de sair — disse-lhe eu —, espero que ouça as condições com que lhe ofereço hospedagem. Sou um homem só, com dois criados. Sirvo-me desta casa para comer e dormir. V. S.^a viverá aqui também como homem só com dois criados. Se, passados alguns dias, lhe for aqui penosa a sua residência, retire-se. Não quero a sua conversação como recompensa da hospedagem. Eu também falo pouco, penso muito, e quase não posso falar nem pensar fora das minhas obrigações de guarda-livros. Aceita?*

— *Aceito.*

E, com este laconismo, apertou-me outra vez a mão, e conservou-se na mesma postura familiar em que estivera desde o princípio.

Saí da sala; dei ordens aos criados, e fui para o escritório.

A horas do jantar vim a casa. Segundo as minhas ordens, o meu hóspede já tinha jantado, se assim pode chamar-se uma chávena de café, duas colheres de marmelada e quatro cálices de conhaque.

Cumprimentei-o apenas. Vi-o profundamente triste, e soube que passara a manhã na livraria.

Esperava que ele me dissesse que queria fazer sociedade comigo à mesa. Não mo disse; e eu também não quis dizer-lho. Convidei-o para, passados os dias do descanso, ser apresentado em algumas casas. Respondeu-me que o dispensasse desse sacrifício.

Reconheci todo o melindre daquela situação. Respeitei-lhe a dor como um mistério sagrado. Nunca lhe disse uma palavra que denunciasse a minha curiosidade; não tive por isso de corar segunda vez.

Passados alguns dias, disse-me que queria retirar-se para um dos arrabaldes. O meu patrão possui uma linda chacra no Botafogo. Ofereci-lha: aceitou-a.

Visitei-o aí algumas vezes. Era um envelhecer que fazia dó! Disse-me que sofria muito do peito. Aconselhei-lhe que se retirasse para Portugal. Sorriu-se, e apontou-me para as cruzes do cemitério que alvejavam através de um arvored.

Perguntas-me tu: quem era esse homem?

Não o sabia.

No fim de sete meses, achei-o com todos os sintomas de um hético, quando as folhas principiavam a cair, queimadas pelo sol do estio, lá no nosso belo Portugal.

Vi-o então sorrir pela primeira vez. Travou-me o braço, e passeámos no jardim.

Eis o que então lhe ouvi:

— Eu tenho sido um ingrato em não lhe dizer quem sou.

— Ingrato!, nunca... — repliquei eu.

— Ingrato, sim! O véu do mistério devia levantá-lo a mão da amizade. Mas, em recompensa de uma grande dívida, há-de a mão de um cadáver levantá-lo. A febre-amarela parece querer juntar-se à minha febre negra. Se desta colisão resultar em breve a minha morte, venha V. S.^a ao meu quarto, dê-se ao trabalho de ler, em horas de ócio, esses cadernos de papel que por lá estão, e poderá então dizer que o seu hóspede, silencioso em vida, conversou muito consigo do túmulo.

E despediu-se. Estas poucas palavras principiou-as sorrindo, e rematou-as soluçando. O tronco gigante gemeu, quando estava para cair.

Caiu.

A febre-amarela soprou àquela luz quase apagada. Vi-o nas agonias. Não pude ouvir-lhe o último adeus, porque também reclinei a cabeça num leito, que supus ser o da morte.

A chave do quarto foi-me entregue por um sacerdote, à ordem do moribundo.

O meu legado é esse que te remeto. No derradeiro capítulo verás a razão por que o faço. Adeus. Não te chames infeliz. Ninguém pode reputar-se desgraçado sem provocar da mão de Deus ou de Satanás, a desgraça deste homem.

Teu cordial amigo F.

Agora direi eu quase ao leitor, como o meu amigo me diz: no último capítulo verá a razão por que esta biografia é publicada.